

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
com política

revista compolítica

2018, vol. 8(1)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2018.8.1.216

 Open Access Journal

Alessandra Aldé

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
[Rio de Janeiro State University]

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Viktor Chagas

Universidade Federal Fluminense
[Fluminense Federal University]

Apresentação

Alessandra ALDÉ
Emerson Urizzi CERVI
Viktor CHAGAS

Há pelo menos quatro anos, temos assistido a um acirramento das tradicionais polarizações políticas no eleitorado brasileiro. O fenômeno é encarado por alguns pesquisadores como reflexo de uma tendência global de recrudescimento do discurso populista, particularmente do populismo de direita, que tem assumido um protagonismo crescente não apenas no Brasil, mas em países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Argentina e uma gama de outros exemplos notáveis. A rivalidade entre partidos políticos tem encontrado reflexo no eleitorado e também em um processo cada vez mais acelerado de repartidarização dos meios de comunicação. Os artigos publicados nesta edição da Revista Compolítica investigam, a partir de diferentes matizes teóricas e metodológicas, esse fenômeno, visível já no contexto político que antecedeu as eleições de 2014 e que contribui para a compreensão o cenário atual.

A edição se inicia com o texto de Juliano Tavares e Terezinha Cruz Pires, "Brasil dividido' e seus sentidos em Veja e Época: o uso político de sondagens na cobertura da Copa do Mundo em um ano eleitoral", que procura avaliar as estratégias discursivas no jornalismo impresso das revistas Veja e Época ainda em 2014, ano de Copa do Mundo e eleições no Brasil. Os autores realizam uma análise de enquadramento sobre as matérias publicadas por esses dois veículos nos meses de junho e julho daquele ano, a fim de compreender como a temática esportiva é politizada a partir da instrumentalização de pesquisas de opinião. As conclusões apontam para o reconhecimento da atuação dos meios na construção de um clima de opinião negativo, na medida em que deixam ao governo federal o ônus de enfrentar a insatisfação popular convertida em protestos contra a realização da Copa. Segundo os autores, o discurso de Veja e Época fortalece a ideia de um "Brasil dividido", antevendo uma cisão entre eleitores de Dilma Rousseff (posicionados pelas publicações como favoráveis à Copa) e eleitores de Aécio Neves (posicionados como contrários à Copa).

Motivo semelhante aparece no artigo de Vinícius Alves e Iana Lima, intitulado "Um país dividido? Condicionantes do voto nas eleições presidenciais brasileiras de 2014". No texto, os autores procuram testar, através de modelos de regressão logística, hipóteses para a decisão do voto de parcela do eleitorado em Dilma Rousseff. Embora a conclusão não chegue a surpreender, os pesquisadores argumentam que variáveis como idade, região, ideologia, interesse por política e o fato de o sujeito ter ou não votado anteriormente na candidata em 2010 ajudam efetivamente a explicar o comportamento eleitoral naquele contexto. O resultado indica, portanto, que a segmentação do eleitorado é anterior ao pleito e que a polarização se torna mais explícita no segundo turno, uma vez que este aglutina as preferências do eleitorado.

Passando ao momento posterior ao impeachment de Dilma Rousseff, Franco Iacomini Jr., Tarcis Prado Jr. e Moisés Cardoso investigam os primeiros discursos de Michel Temer, ao ocupar a presidência da República em 2016, ainda interinamente. Ancorada em um referencial que explora a análise do discurso a partir da vertente trabalhada por Maingueneau e com uma pesquisa de cunho exploratório, os autores utilizam a análise estatística de clusters e sua distribuição em quadrantes para tentar identificar padrões recursivos na fala do político. O artigo "Os 'nós' de Temer: uma análise dos discursos de posse de 2016", conclui que o uso do pronome reto plural "nós", recorrentemente, no discurso de Temer, reforça a conformação do governo, "organizado em torno da teia de relações e apoios pessoais de seu dirigente".

O texto de Graça Rossetto "Fazendo política no Twitter: como os efeitos estimados das mensagens influenciam as ações e os usos da plataforma", embora parta de uma temporalidade ainda anterior, o período imediatamente pós-eleitoral de 2012, recupera uma vertente teórica clássica dos estudos de mídia, que vem sendo enfatizada nos últimos anos por diversos teóricos, de compreender melhor o cenário a partir dos efeitos da mensagem política nas mídias sociais diante da militância engajada ou do usuário que casualmente debate política na internet. Trata-se de um estudo sobre o chamado Efeito de Terceira Pessoa (ETP). Conforme argumenta a autora, o ETP prevê "um juízo a respeito da opinião alheia, uma percepção sobre o que os outros (terceiros) pensam". Desse modo, são lançadas três hipóteses para compreender o debate político travado no Twitter: a primeira sustenta que as pessoas tendem a retuitar as mensagens de fontes com as quais concordam; a

segunda, a de que o número de RTs que a mensagem original recebe está associado ao desejo de influenciar terceiros; e a última, a de que os indivíduos julgam que os outros são mais influenciáveis e influenciados do que eles mesmos, premissa fundamental dessa corrente teórica. O estudo permite compreender como a discussão política é travada no Twitter e como as fontes influenciam na troca de argumentos nesse ambiente.

Explorando uma corrente clássica da teoria dos efeitos, Ana Cláudia Niedhardt Capella e Felipe Gonçalves Brasil se voltam à perspectiva do agenda-setting para tentar compreender como se dá o cruzamento entre agenda pública, agenda midiática e agenda de políticas públicas. Apresentando uma revisão teórica sobre os estudos de agendamento, os autores descortinam três casos (um nacional, no Reino Unido; um subnacional, no estado americano da Flórida, e um transnacional, comparando sete países europeus), discutidos por outros autores, e chamam atenção para o desenvolvimento recente das pesquisas com foco nessa abordagem.

A edição traz ainda uma resenha do livro de Fernando Azevedo, "A grande imprensa e o PT (1989-2014)", feita por Lucy Oliveira. A pesquisadora destaca o trabalho empírico de fôlego executado pelo autor, que procura discutir o viés político da imprensa brasileira nos últimos 25 anos.

Completa o número, a entrevista de Alessandra Aldé com Stephen Coleman, em que os pesquisadores debatem a saída do Reino Unido da União Europeia e suas consequências, bem como o que Coleman identifica como uma guinada global à direita, fruto de um crescente declínio da confiança em relação a políticos, partidos e atores da mídia.

Cobrando, portanto, um espectro relativamente curto de tempo, os conteúdos publicados nesta edição da Revista Compolítica se alinham com uma discussão plenamente atual a respeito do Brasil (e do mundo) pós-2016. As mudanças, como temos acompanhado, não são pequenas. Um tema dessa relevância deve encontrar novos desdobramentos e perspectivas também em nossas futuras edições.

Por fim, mas não menos importante, agradecemos carinhosamente à atuação sempre diligente de Maria Helena Weber, que nos honrou na Coordenação Editorial da revista de

2014 a 2017. A pesquisadora se despede dos amigos na revista, mas segue firme em nosso Conselho Científico. A Milena, nosso muito obrigado.